

A “MULHER” COMO SÍMBOLO DA MODERNIDADE

RACIONALIZAÇÃO
DO TEMPO E DO
ESPAÇO DOMÉSTICO

Renata Geraissati
Castro de Almeida

Colaboração
Diógenes Sousa

Arte: Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah



Na fachada da Casa da Boia, Zakie Naccache, esposa de Rizkallah Jorge, no espaço do “lar”, andar superior onde a família morou. Rizkallah Jorge, tipicamente, no espaço do “negócio”.

Ao final do mês da mulher convidamos nossos leitores a refletirem sobre a modificação no imaginário sobre o “papel feminino” na sociedade em fins do século XIX e início do século XX, e como vários processos históricos estão relacionados com essa construção, como a industrialização, a urbanização, o movimento trabalhista e as duas guerras mundiais.

Apesar do dia 8 de março ter sido oficializado como o Dia Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975, podemos remontar tentativas de estabelecer uma data para essa comemoração desde 1909, quando o Partido Socialista dos Estados Unidos capitaneou a celebração do Dia Nacional da Mulher, em 28 de fevereiro, como uma homenagem a marcha que diversas mulheres fizeram no ano anterior na cidade de Nova Iorque (EUA) protestando por melhores condições de emprego.

A proposta de tornar a data um movimento internacional pode ser atribuída a Clara Zetkin, ativista comunista que durante a Conferência Internacional de Mulheres Socialistas em Copenhague em 1910, propôs a criação de uma data oficial. A formalização da escolha do dia 08 de março se deu em função de uma greve que começou em 1917, sendo as mulheres as principais manifestantes.

Conforme aponta a historiadora Rochelle Ruthchild, líderes como Leon Trotsky viram o movimento como uma desobediência, já que

deveriam esperar pelo 1º de maio para iniciar os protestos (TIME, 2019).

A relação entre os movimentos trabalhistas e as mulheres também está expressa em outro símbolo bastante disseminado. Sem dúvida você já deve ter visto o cartaz icônico que foi reproduzido em capas de revistas, selos do governo estadunidense, inúmeros lambes-lambes colados em paredes, estampa de camisetas e memes com a frase “We can do it”, feito tendo como base a fotografia de uma operária da Base Aeronaval na Califórnia.



A representação tornou-se um marco da incorporação feminina na sociedade contemporânea e, segundo o National Archives and Records Administration, ela é uma das dez imagens mais solicitadas para o serviço de arquivos.

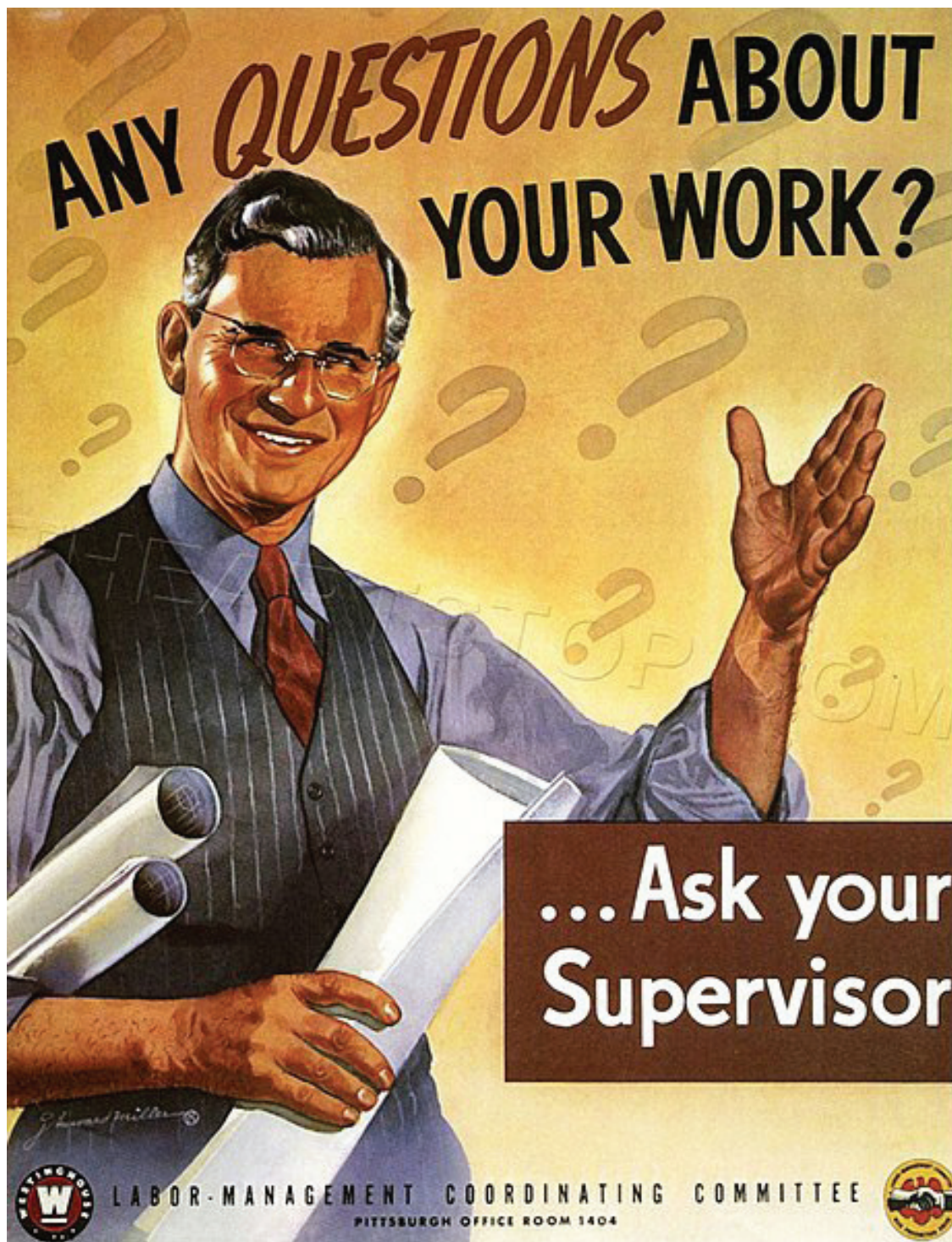
O poster propaganda encomendado em 1943 pelo Comitê de Coordenação de Produção de Guerra é parte de uma série produzida pelo artista gráfico J. Howard Miller e objetivava incentivar a unidade dos trabalhadores no esforço de guerra minimizando as agitações trabalhistas e as possíveis greves, em uma propaganda também anti-comunista. A série de mais de 40 produções gráficas, não tão conhecidas, tem outros que reforçam a hierarquia masculina entre eles o “Any Questions About Your Work? ... Ask your supervisor” algo que nos faz questionar se haveria um “caráter revolucionário” para o pôster pensado pelo seu autor.



Na página anterior, mulheres protestam na greve de 1908.

Acima, em 1917, mulheres foram as maiores manifestantes da greve iniciada em 8 de maio.





O historiador britânico Eric Hobsbawm (1917-2012) defende que um dos efeitos da industrialização, ao separar o espaço do trabalho do espaço doméstico, foi excluir as mulheres do mercado de trabalho que pagava salários, reforçando uma hierarquização entre os papéis femininos e masculinos.

A composição da renda da casa não era exclusividade do homem, mas sim responsabilidade daqueles que “saíam da casa” para ir para as fábricas, majoritariamente um “papel masculino”.

Especialmente dentro da classe média, a mulher era compreendida como a figura mantenedora da casa, e as operárias eram vistas como um desvio desta função (2012).

Portanto, tais processos não se deram de maneira homogênea para todas as mulheres de acordo com sua raça e classe, conforme aponta a obra *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX* que retrata os esforços de sobrevivência das vendedoras de tabuleiros e lavadeiras na cidade.

Argutamente Maria Odila Leite da Silva Dias aponta que: “o pressuposto de uma condição feminina, idealidade abstrata e universal, necessariamente a-histórica, empurra as mulheres de qualquer passado para espaços míticos sacralizados, onde exerceriam mistérios apropriados, à margem dos fatos e ausentes da história (1995, p.13)”.

Se, por um lado a série de cartazes produzida pelo artista gráfico J. Howard Miller destacava a capacidade feminina (página anterior), por outro colocava a mulher sob a “tutela” de um líder masculino (ao lado).

Na página a seguir mulheres conversam em São Paulo, em 1910. O quadro “A Estudante”, de Anita Malfati, foi exposto na Semana de Arte Moderna de 1922.



A respeito da representação das mulheres uma grande quantidade de periódicos dedicados a elas, sejam escritos por e para mulheres, foram produzidos nesse contexto. Merece destaque o periódico *O Jornal das Famílias*, veiculado de 1863 a 1878.

A importância desta publicação está em trazer à tona a inserção das mulheres no mercado de trabalho, além de apontar uma tendência que estava

a se tornar comum, a entrada do público feminino nas escolas (Silveira, 2015).

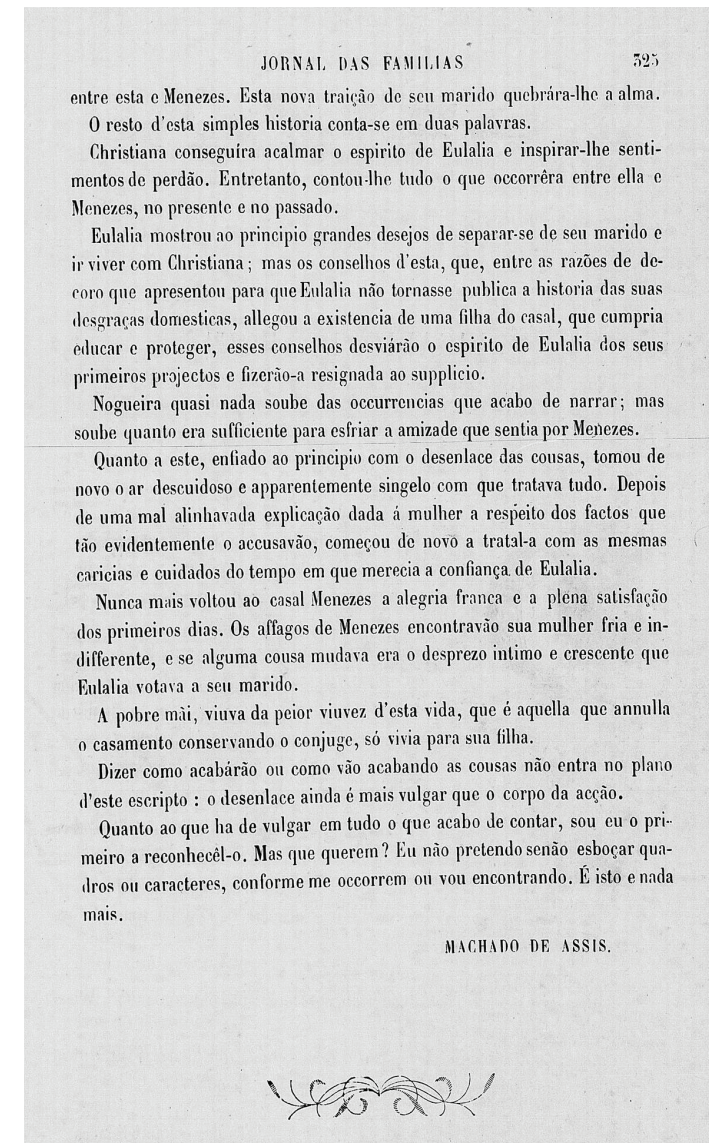
Não à toa um dos quadros de Anita Malfatti (1889-1964) expostos na Semana de Arte Moderna de



1922 foi *A Estudante*, produzido entre 1915 e 1916 representando a introdução da mulher no cotidiano da cidade.

O periódico contou com algumas colaboradoras, algumas provavelmente apenas pseudônimos, como Paulina Philadelphia e Victoria Colonna, predominantemente a participação feminina aparecia em forma de cartas, conselhos e dicas para o lar.

Havia um grande número de artigos assinados por homens, entre eles, o jovem escritor Machado de Assis, (abaixo) um escritor cujas personagens femininas eram majoritariamente pobres e, portanto, ansiavam por um emprego ou pelo casamento como algo que lhe pudessem prover um modo melhor de vida, com uma dedicação total ao seu lar ou trabalhando na casa de outra família.



RACIONALIZAÇÃO DO LAR

Inserida no processo de especialização dos cômodos da casa está o surgimento da cozinha como espaço dedicado exclusivamente ao processamento dos alimentos. Com a introdução da eletricidade e dos fogões a gás, seu espaço foi afetado pelo processo de mecanização com o foco na assepsia, diminuição de mobilização do corpo e o trabalho mais racionalizado e padronizado possível.

Publicações mensais como a Revista Feminina - A Luta Moderna, que se colocava como porta-voz dos interesses femininos de então, propagandeavam as benesses dos novos inventos visando a integração da mulher em uma sociedade cada vez mais urbanizada.



Boa cozinha
Casa feliz

Cozinha perfeita
ASSEIO
ECONOMIA
CONFORTO
ENCONTRA-SE N'UM
FOGÃO
DE GAZ
PEÇAM INFORMAÇÕES
DA
Société Anonyme
du Gaz, de Rio
de Janeiro.
Assemblée, 93



A boa mesa
prende em casa os maridos

RETENHA em casa seu marido. Prepare-lhe um jantar gostoso. Os fogões General Electric permitem fazer hygienica, economica e rapidamente os pratos mais complicados. A cozinha electrica, asseada, moderna e efficiente, conserva nos alimentos todo o seu valor nutritivo e dá-lhes o melhor sabor, pois os fogões G-E mantêm uma temperatura sempre constante e regulavel. Empreste ao seu lar um novo encanto com o emprego dos fogões General Electric.



FOGÃO ELECTRICO
GENERAL ELECTRIC

Peça informações ou uma demonstração, a qualquer dos nossos auxiliares ou telephone para o escriptorio da

Em novembro de 1915, a reportagem *A eletricidade no Lar* defendia que “nas casas onde existe uma instalação adequada a eletricidade representa inúmeras comodidades” reforçando que nos últimos anos uma grande profusão de novos equipamentos elétricos surgiam para facilitar os “labores domésticos”, e desconfortos relacionados a “incomoda” e “suja” tarefa de acender o fogo era “eliminada” com a utilização de aparelhos elétricos em que apenas movendo o botão era possível atingir o calor desejado. Seus benefícios na cozinha eram inúmeros:

“Onde, como aqui em S. Paulo, a tarifa é muito módica, é possível não só cozinhar com a eletricidade, como também com seu auxílio executar outros trabalhos culinários, como bater ovos, misturar a massa para o pão, picar a carne, fazer sorvetes, moer café, lavar e passar roupa e em caso de emergência por intermédio dos radiadores elétricos aquecer a casa evitando assim a necessidade de pôr em função todo o sistema calorífico (v.18, p.26)”.

Na página anterior, propagandas publicadas em jornais do início do Séc. XX ressaltam a “modernidade” dos novos equipamentos, ao mesmo tempo em que reforçam a divisão de classes e o caráter da mulher como a provedora de conforto ao núcleo familiar.

Ao lado, páginas do Catálogo Comercial da Casa da Boia, de 1920, mostra a incorporação das novas tecnologias, em uma parte dedicada a peças de fogões.

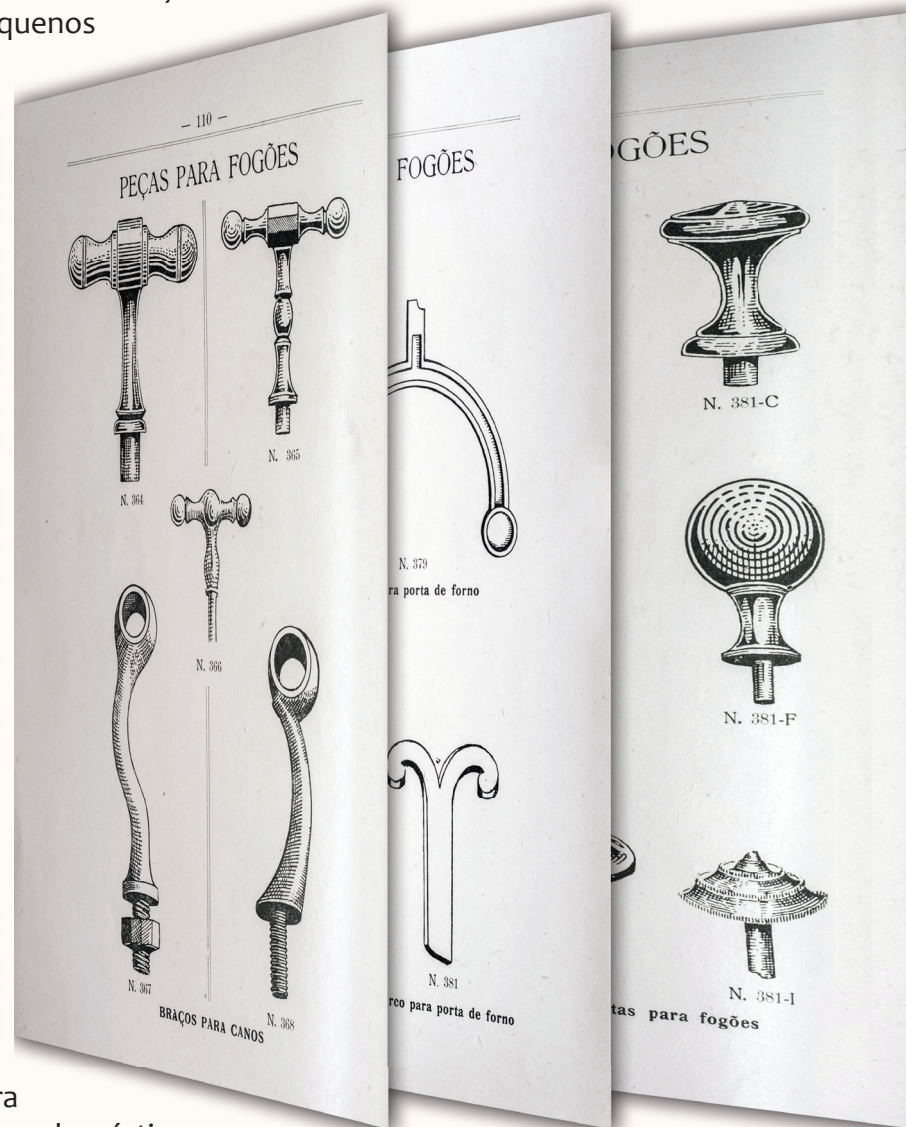
Podemos verificar seu direcionamento especialmente para mulheres das classes média e alta com a constante menção de “suas criadas”, como na passagem “os pequenos fogões elétricos de mesa, podem, em mãos de uma criada engenhosa, ser úteis para múltiplos fins”.

Portanto, vemos que na difusão de qual seria o papel da “mulher moderna” havia claramente uma demarcação de fronteiras de classes.

A expansão na oferta desses bens pode ser conferida no catálogo comercial da Casa da Boia, em especial nas suas sessões sobre artigos para fogões econômicos, artigos para eletricidade e artigos para gás.

Suas páginas reproduzem diversos itens que poderiam ser adquiridos para os fogões para deixá-los de acordo com os gostos do cliente, a exemplo, uma “sereia para a porta de forno” (p.113).

No volume de dezembro de 1915, a Revista Feminina no especial *Entretenimento para Moças* oferecia um código de conduta para as jovens relacionado aos cuidados domésticos postulando que não deveriam “narcisar-se” exaustivamente e nem auxiliar as criadas de modo que “a tarefa doméstica, sendo assim pesada, acaba por alterar a saúde e comprometer seriamente a beleza”, assim, o caminho ideal era o meio termo com a “aplicação



Qual o papel da mulher e qual seu lugar em um contexto de ampla difusão da tecnologia e de emprego extensivo de energia elétrica?

Como vimos, inúmeras revistas as compreendiam como consumidoras das benesses produzidas pela modernidade, assim, as tinham como público para seus anúncios e assumiram que elas seriam as responsáveis por sua utilização.



traz um editorial sobre moda. Dualidade que mostra uma interpretação ambígua da posição da mulher.

Contudo, conforme fica evidente nas colunas, havia uma fronteira demarcada entre essa mulher e suas “criadas”, demonstrando que a “mulher moderna” pertencia às classes médias da cidade, e a introdução dos eletrodomésticos servia também para acentuar essa distinção.

A Revista Feminina tratava com ironia a mudança de papel feminino e sua integração na sociedade criticando “a nossa evolução” para “mudar de sexo”, hoje vemos que a situação, apesar de ainda serem necessárias muitas outras conquistas, é bastante diferente.

É emblemática a foto da capa desse editorial, onde se vê o homem, Rizkallah Jorge, no espaço de “negócios” do sobrado onde a família morava e tinha a fundição e loja. À mulher, sua esposa, Zakie Naccache, a sociedade da época reservava o pa-



Conferência Mundial sobre o Ano da Mulher, no México, em 1975, quando foi estabelecido pela ONU o dia 8 de maio como Dia Internacional da Mulher.



BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Maria Silva. A Revista Feminina e a moda em tempos de guerra (1914-1918). dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 14, n. 29, p. 122-143, 3 ago. 2020.

BIRD, William L; RUBENSTEIN, Harry. Design for Victory: World War II Poster on the American Home Front. New York: Princeton Architectural Press, 1998.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva Dias. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

FELICIO, Laura Stocco. A modernidade na cozinha: corpo, gênero e eletricidade (São Paulo, 1908-1960). Seminário Internacional Fazendo Gênero, n.12 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021.

HAYNES, Suyin. The Radical Reason Why March 8 Is International Women's Day Time. Disponível em: <https://time.com/5187268/international-womens-day-history/>

HOBBSAWM, Eric J. A Era do Capital. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

REVISTA FEMININA - A Luta Moderna. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico_periodico/jornais_revistas

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. O trabalho feminino no espaço doméstico: gênero e classe no Jornal das Famílias. Rio de Janeiro: Revista Topoi, dez 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/topoi/a/8XdLmyYmWjVQfB4fzhNk7TM/?lang=pt>

SILVA, João M. da. Cozinha modelo: o impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870- 1930). São Paulo: EDUSP, 2008.

*Sob olhar masculino
“Ask your supervisor”,
mulheres formam a força de
trabalho na pesca na Finlândia,
no início do Séc. XX.*



Adriana Rizkallah, diretora cultural, de projetos e manutenção, responsável pelo conceito de loja e varejo da Casa da Boia.

CASA DA BOIA
METAIS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

*Diretor: Mario Rizkallah
março, 2022*